

As ciências humanas e sociais no processo de reconstrução da sociedade na perspectiva cidadã

Leonice Domingos dos Santos Cintra Lima et Rita de Cássia Alves Horta



Édition électronique

URL : <https://journals.openedition.org/eces/1359>

DOI : 10.4000/eces.1359

ISSN : 1647-0737

Éditeur

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

Référence électronique

Leonice Domingos dos Santos Cintra Lima e Rita de Cássia Alves Horta, «As ciências humanas e sociais no processo de reconstrução da sociedade na perspectiva cidadã», *e-cadernos CES* [Online], 02 | 2008, posto online no dia 10 fevereiro 2014, consultado o 07 dezembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/eces/1359> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/eces.1359>

Ce document a été généré automatiquement le 29 septembre 2020.



Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional - CC BY 4.0
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

As ciências humanas e sociais no processo de reconstrução da sociedade na perspectiva cidadã

Leonice Domingos dos Santos Cintra Lima et Rita de Cássia Alves Horta

Introdução

- 1 Pensar sobre um determinado tema supõe contextualizá-lo, ou seja, situá-lo no cenário onde se insere, no qual interfere e do qual recebe interferências, revelando suas determinantes e determinações sócio-históricas.
- 2 Este estudo, que tem como objetivo provocar exame reflexão sobre o futuro da universidade, focalizando questões pertinentes ao lugar das ciências sociais e ciências humanas neste contexto, lançando um olhar sobre os paradigmas de desenvolvimento que influenciaram as mudanças e caminhos percorridos pelo homem na construção do modelo societário legitimado no último século.
- 3 Preocupamo-nos com os aspectos que envolvem as ciências sociais e humanas no espaço que estas ocupam ou virão a ocupar na sociedade e na universidade, vislumbrando a construção do conhecimento e sua relevância no contexto de produção do conhecimento científico e de intervenção nas transformações que ocorrem na sociedade lançando um olhar ao futuro.
- 4 Nesta perspectiva, temos como certo dizer que a história da humanidade se constrói fundamentada no modo como o homem estabelece sua relação com os outros homens e com o meio onde vive.
- 5 Temos, na altura em que vivemos o sistema capitalista instituído e legitimado na maioria dos países, determinando o modo de vida humana, e seus reflexos no desenvolvimento da ciência e de todo o resto.

- 6 Resgatamos aspectos econômicos que historicamente promoveram o distanciamento entre os homens na sociedade capitalista na busca de vislumbrar caminhos que nos remetam a construção de uma sociedade mais humana e cidadã.
- 7 Na sociedade capitalista, a história da humanidade registra o deslocamento da centralidade da vida humana para o capital e os aspectos econômicos.
- 8 Estes elementos passam a determinar não só a relação entre os homens, como também a relação deste com o mundo, consolidando um período da história que se sustenta na hegemonia da competitividade e do modelo determinado pela globalização, fenômeno que atinge todas as esferas da vida em sociedade.
- 9 Iniciamos retomando aspectos da evolução histórica da humanidade tendo como mote de partida o modo de produção determinado pelo capitalismo, por entendermos que o trabalho, tal como determinado por Lukács, é a expressão abstrata mais genérica do modo como os homens se relacionam entre si e com a natureza e incorporando expressão Lukacsiana a visão apresentada por Manfredi (1998) que ao retomar a discussão do trabalho como atividade humana revela:

[...] no trabalho como atividade humana (que Heller conceitua como *labour*) e práxis social concreta e historicamente determinada, o ato de trabalho também se constitui, no nível epistemológico, numa relação dialética entre sujeito/objeto e que, portanto, envolve a possibilidade de uma apropriação criadora e não simplesmente de mera repetição/reprodução. Esta dimensão, aliada a possibilidades de troca e comunicação inerentes ao ato de trabalho como prática social, faz com que os trabalhadores, como sujeitos no e do trabalho, tenham virtualmente a possibilidade de se apropriarem crítica e construtivamente do conteúdo e do contexto de realização do próprio trabalho. Nessa perspectiva, os trabalhadores, como sujeitos coletivos, estariam também se construindo e se qualificando no e a partir do trabalho, apesar das condições alienantes e alienadoras do trabalho sob a égide e o controle do capital. (Manfredi:1998)
- 10 Desta forma procuramos apresentar uma apreensão do trabalho como um dos elementos determinantes das metamorfoses sociais ocorridas no último século.
- 11 A história registra que profundas transformações sociais ocorreram na sociedade a partir das mudanças no modo de produção de bens. A passagem da produção artesanal em oficinas familiares para a produção industrial provoca o esgarçamento das relações entre os homens, promovendo sistemática e inexoravelmente alterações na relação entre estes e destes com o meio.
- 12 O período sobre o qual pauta-se esta reflexão, historicamente conhecido como Modernidade¹¹, caracteriza-se pela instauração do paradigma econômico e do modelo gerencial de gestão nos diversos seguimentos da vida humana, e consideramos a Revolução Industrial como seu marco histórico. Utilizamos este marco considerando suas implicações nas alterações ocorridas na produção, no consumo, e na acumulação de capital que paulatinamente “modelaram” o processo de desenvolvimento que se instaurou desde então.
- 13 Entendemos que a economia não pode explicar suficientemente todas as dimensões de totalidade da sociedade e do homem, que estrutura da sociedade não se define somente pelo âmbito da economia e de seus elementos, podendo também ser estudada sob outros aspectos constitutivos da vida social, no entanto, para fins deste estudo, nos apropriamos dos elementos de caráter econômico, ligados ao modo de produção capitalista e seus

rebatimentos nas ciências considerando a significativa relevância destes na constituição da vida social na Modernidade.

- 14 O modelo social de gestão que se impôs na modernidade, iniciado na década de 80, determina questões relevantes do nosso tempo como transformações ocorridas no último século e, incidem nas diversas áreas da vida em sociedade, solapando inclusive o mundo da ciência e da construção do conhecimento, que nesta altura adquire valor de mercadoria no cenário mundial.
- 15 O cenário instituído pela industrialização se converteu no curto espaço de um século, na mola propulsora do maior avanço tecnológico e científico já registrado na história da humanidade e provocou, em relação à vida do homem, mudanças no seu modo de se relacionar com o outro, com o ambiente e com a própria vida.
- 16 A Modernidade trouxe em si um progresso material inimaginável, promoveu descobertas e inovações no campo da tecnologia, sustentada por investimentos tanto da esfera pública como de instituições privadas que podem superar os avanços científicos, e vêm fortalecendo gradativamente e inexoravelmente o paradigma consumista do fetiche ² na perspectiva dos estudos da vida social empreendidos por Karl Marx.
- 17 Na modernidade, vida em sociedade, se (re)-define, sob as bases do avanço tecnológico legitimando a sociedade da informação onde uma das principais características é a substituição crescente do homem pela máquina modificando, inclusive o cenário e modelos das relações pessoais.
- 18 No mundo contemporâneo as relações humanas ocorrem fortemente alicerçadas pelos contatos virtuais empreendendo na sociedade alterações no modo de vida e na sociedade como um todo.
- 19 O desenvolvimento tecnológico, a tecnologia da informação e a abertura das fronteiras do comércio mundial, o deslocamento e transformação dos valores da vida em sociedade, potencializaram mudanças no mundo e, na mesma medida que aproximaram os povos também os distanciaram o avanço das forças produtivas e a política de desenvolvimento adotada mundialmente se inserem na vida cotidiana e no mundo do conhecimento grandes paradoxos:
- 20 De um lado potências econômicas que disputam entre si o avanço no campo da pesquisa e do desenvolvimento de novas tecnologias; ricas ficam cada vez mais ricas de outro; um crescente contingente populacional vivendo em situação de miséria econômica em diversos níveis e pobreza em diferentes aspectos da vida humana;
- 21 De um lado, a necessidade de avançar no mundo da pesquisa e de produção de conhecimento, respondendo as demandas sociais e econômicas de consumo da era da informação, da informática e da prestação de serviços de outro; a compreensão do crescimento da desigualdade entre os homens, a fragilização da vida e a banalização de questões sociais que põem em risco inclusive a sobrevivência da espécie e da vida do planeta e apontam para o retorno à centralidade do homem, que no nosso entendimento se deverá de efetivar na dimensão ontológica de Lukács.³
- 22 O início do século XXI, caracterizado por mudanças marcantes na sociedade, apresenta aspectos que apontam para a superação dos paradigmas determinantes da Modernidade como: para o retorno à centralidade do homem e a re-valorização da vida como elementos imprescindíveis nos caminhos futuros do desenvolvimento da sociedade.

- 23 O período de “passagem”, de transição, que caracteriza o momento atual da vida humana e da sociedade representa o tempo oportuno para o aprofundamento das discussões e que levem à definição de paradigmas que apontem para a re-construção da sociedade numa perspectiva de respeito ético e valorização da cidadania. Este movimento de superação chancela o nome de um novo período: a Pós-modernidade.⁴

[...] a Pós-modernidade caracteriza-se de forma geral pela passagem da produção de bens para uma economia de serviços; a preeminência da classe dos profissionais e dos técnicos; o caráter central do saber teórico, gerador de inovação; a gestão do desenvolvimento técnico e do controle normativo da tecnologia; a criação de uma nova tecnologia intelectual. (De Masi, 2000).

Sociedade contemporânea: período de transição

- 24 As mudanças no panorama da sociedade, iniciadas com Revolução Industrial, se potencializam a partir da década de oitenta, com a legitimação da globalização entendida na perspectiva apresentada por Kunsch, como um fenômeno que:

[...] está alterando completamente os comportamentos e funciona como um novo paradigma para entender o mundo de hoje. Quando de fala desse fenômeno há uma tendência natural de considerá-lo apenas no campo econômico, vinculando-o a redução de barreiras no comércio internacional e a liberação do mercado o que é um equívoco. Ele deve ser compreendido como algo mais amplo e abrangente, envolvendo também aspectos ligados ao Estado-nação⁵ e as novas tecnologias da informação e da comunicação, entre tantos outros. (Kunsch, 1999).

- 25 No período que vivemos ao final da primeira década do século 21, ainda que se tenha iniciado na década de 90 um movimento de ruptura com os paradigmas da Modernidade, constatamos que estas penetram no novo século, interferindo no cenário social da atualidade e transformando a vida do homem.
- 26 Vivemos, conforme nos assegura Santos (2003:5), “as dificuldades de outros períodos de transição (já vividos pela humanidade), momentos difíceis de entender e percorrer, que nos indicam que é necessário voltar às coisas simples (...) regressar à necessidade de perguntar pelas relações entre a ciência e virtude”.
- 27 Então, faz-se necessário a busca de valores humanos e sociais que nos remetam a uma sociedade mais justa e cidadã que nos levam a re-alinhar o pensamento a ação em considerando totalidade da vida no planeta, sua proteção e preservação.
- 28 Desta forma há que pensarmos tanto termos ambientais, o desenvolvimento, a relação de exploração excessiva dos bens naturais e a falta de preservação das riquezas ambientais colocam a sociedade frente a frente e de maneira crucial e pungente com o problema original da sobrevivência da vida na Terra, no sentido da necessidade de manutenção e implemento do equilíbrio de toda a vida do homem e do planeta; como em termos éticos, frente ao incontestável aumento das desigualdades entre os diversos grupos humanos; e existenciais, na perspectiva do equilíbrio, da igualdade, da equidade, da justiça e da legitimação da cidadania e, difusão e alcance do conhecimento, apresentam-se a emergência da busca de novos termos para a sua frutificação da ciência, fora do âmbito restrito do consumo e da sobrevivência material.
- 29 A ciência, em seu movimento de idéias para a produção do conhecimento⁶, expressa a visão específica de cada área sobre a forma como o homem vê e se relaciona com o

mundo, numa articulação conexas de conhecimentos que formalizam os paradigmas sob os quais a sociedade vê o mundo.

- 30 No entanto, na sociedade contemporânea, onde o modo de produção capitalista consolida a competitividade nas diversas esferas da vida humana e as desigualdades se aprofundam, acirradas pela luta pelo poder, pela posse de bens materiais.
- 31 No “universo da ciência” constatamos as características mercadológicas do capitalismo na apropriação e retenção ou “personalização”⁷ do conhecimento. Observa-se que, também no mundo do conhecimento, da investigação científica, os reflexos da Modernidade se fazem presentes, com o “aprofundamento” da desigualdades se revelando através do distanciamento e fragmentação das áreas do conhecimento; da territorialização⁸ das descobertas e dos avanços, da mercantilização⁹ da pesquisa e da investigação.
- 32 Na Pós-modernidade o conhecimento científico foi adquirir o status de “bem capital”, tanto sob o ponto de vista econômico, na medida em que os conhecimentos resultantes de pesquisas científicas potencializam a indústria e as nações; como também sob o ponto de vista de reconhecimento mundial que distingue países ricos de países pobres.
- 33 A produção científica constitui-se, desta forma em elemento importante de avaliação do potencial de uma nação dividindo-as entre pobres e ricas conforme divulgado em publicação oficial da UNESCO “[...] o desenvolvimento científico tornou-se um fator crucial para o bem estar social a tal ponto que a distinção entre o povo rico e pobre é feita pela capacidade de criar ou não conhecimento científico. (UNESCO-2000).
- 34 O atual modelo de desenvolvimento, que fortalece a concorrência entre os homens, tanto na perspectiva de produção, como nas relações que se estabelece no âmbito social e profissional alicerçado na competitividade, aponta para a necessidade de reflexão sobre a interlocução que se legitima entre a universidade e a indústria.
- 35 A complexidade da consolidação do sistema capitalista no mundo, seu rebatimento nas relações humanas, a legitimação da divisão de classes, a compreensão da lógica capitalista de fragmentação do trabalho como decorrência da valorização do capital, em detrimento da humanização das relações entre os indivíduos surgem como valores da sociedade moderna, que promovem o distanciamento do valor primário da vida humana como centralidade do mundo social.
- 36 Estes elementos se articulam e sua compreensão é fundamental para o entendimento da relevância e valorização das ciências sociais e humanas como áreas do conhecimento onde se deve assentar a formação e a universidade do futuro.
- 37 Buscamos na história da humanidade elementos para a ordenação de aspectos que promovam o entendimento da sociedade contemporânea nos apresentando possibilidades de apreensão de lições para o futuro.
- 38 Estes elementos nos apontam para a (re) incorporação, na esfera da formação acadêmica, do resgate dos princípios humanos esquecidos ou distorcidos pela ideologia capitalista que consolidou ao longo da Idade Moderna o esgarçamento das relações do homem no mundo.
- 39 Desde o início do século passado, a humanidade tem assistido a profundas e irreversíveis transformações na sociedade. Às transformações no modo de produzir bens e serviços, potencializadas pelo desenvolvimento tecnológico, soma-se a legitimação de um modelo capitalista de produção que modifica toda a estrutura da sociedade e da vida humana, e

promovem também, profundas mudanças nas relações de trabalho e na forma do homem exercer seu papel profissional na sociedade.

40 Historicamente podemos confirmar que o processo de transição da sociedade feudal para a sociedade industrial, teve seu início na Baixa Idade Média e se concretizou no século XVII.

41 A invenção máquina a vapor, (1736-1819) determina uma nova concepção de trabalho que modifica completamente a estrutura da sociedade da época.

42 No interstício de um século, a sociedade e o modo de vida humana, a partir do modo de produção, são atingidos por mudanças que suplantam todas as transformações até então registradas em todo o milênio anterior da história da humanidade.

43 A Europa neste período é assolada por inúmeras transformações sócio-econômicas decorrentes do industrialismo.¹⁰

44 A humanidade observa e vivencia então, espalhando-se rapidamente pela maioria dos países, uma nova ordem econômica e política que altera rapidamente o mundo em todos os seus aspectos e determinantes, a esse conjunto de mudanças e as transformações resultantes das mesmas é que, agrupadas, receberam o nome de Revolução Industrial¹¹.

A Revolução Industrial se iniciou efetivamente com a mecanização da indústria evoluindo progressiva e irreversivelmente até a legitimação do sistema capitalista e pode ser didaticamente dividida em duas fases conforme nos apresenta Chiavenato (2000), considerando os processos determinantes de avanços para a época: “De 1780 a 1860 a “primeira” Revolução Industrial ou revolução do carvão e do ferro; de 1860 a 1914 a “segunda” Revolução Industrial: ou revolução do aço e da eletricidade. (Chiavenato: 2000 p. 30).

45 O acelerado e intenso fenômeno de mecanização das oficinas domésticas, em busca de melhor qualidade, impõem um modo de produção que exige a transferência da habilidade manual do artesão para a utilização da máquina. As necessidades sociais da época, somada às dificuldades da produção mecânica que assolava a sociedade provocaram a fusão de várias pequenas oficinas, integrando-as em grupos maiores.

46 Inicia-se a extinção da produção doméstica e das oficinas artesanais que entram em colapso pressionado, por um lado pelo próprio processo de unificação da produção e por outro por não se encontrarem preparadas para a súbita e violenta concorrência que se estabelece com o novo modo de produção.

47 Nesse processo de evolução tecnológica, o dono da indústria que detém o capital, se distancia cada vez mais do operariado, considerando-o como uma enorme massa anônima. Os operários ficam a mercê dos patrões institui-se o individualismo e na livre concorrência.

48 O trabalho se re-configura conforme nos apresenta Fernandes (1993) ao revelar a constatação expressa nos Manuscritos de Marx “[...] o trabalhador decai a uma mercadoria à mais miserável mercadoria [...] um ser estranho a ele mesmo, um meio de sua existência individual”. A produção, que até a idade média era a forma humana de realização, reduz-se à única possibilidade de subsistência dos despossuídos dos meios de produção.

49 Temos então, o capitalismo, do início do século XX, se desenvolvendo e potencializando a concorrência de espaços no mercado de trabalho e o individualismo.

50 No sistema mundo-capitalista, o “ser social ¹²” é desconstruído¹³ pois sua ação no mundo, reproduz e sistema que o explora, alimentando uma estrutura econômica que transfere

sua centralidade para a mercadoria e o capital, rompendo com a ética de vida em sociedade.

- 51 Assim, no processo de construção da sociedade industrial moderna, o homem que tinha uma posição central tanto na sociedade quanto no universo (antropocentrismo), que teve desde o início da história da humanidade a responsabilidade de instaurar as condições sócio-históricas para realizar plenamente as potencialidades, comprova o deslocamento de seu valor na ordem societária da vida, solapado e substituído pelo valor do capital, ocorre a fragilização deste como ser social.
- 52 Asseveramos assim, que na sociedade capitalista, temos as relações entre os sujeitos fragmentadas e expropriadas em seus princípios norteadores da conduta individual no agir profissional, postos à reflexão sob a luz do desenvolvimento industrial que impactam o mundo do trabalho.
- 53 Desta forma, a ideologia capitalista determina além das transformações no modo de produção, a construção paralela de um “novo” sujeito social.

Evolução do pensamento científico na linha do tempo: pequenas considerações

- 54 O universo científico registra o Século XVIII – assente no saber racional, ao final deste século o pensamento científico começa a objetivar-se com o desenvolvimento da Ciência Experimental Aplicada. O final do Século XIX marca o início do processo de desenvolvimento das Ciências Humanas que apresenta conforme expressam Laville e Dione (1999), o pensamento voltado para a busca de conhecimentos confiáveis e práticos sobre o homem e a sociedade instaurando a perspectiva positivista na suposição de que os fatos humanos são como os fatos da natureza e devem ser submetidos à experimentação.
- 55 Temos neste período a busca da consolidação da relação causal e a valorização do conhecimento quantificável para explicar os fenômenos sociais e as questões humanas.
- 56 A ciência positivista apresentava as seguintes características no estudo dos fatos: empirismo, objetividade, experimentação, leis e previsibilidade.
- 57 Com o avanço do desenvolvimento científico e do pensamento filosófico, ao final do Século XIX e início do Século XX temos o enfraquecimento do positivismo nas ciências sociais com a valorização da complexidade dos fatos humanos, o reconhecimento do “papel” do pesquisador (a objetividade passa a ser definida mais em relação ao sujeito pesquisador do que ao objeto pesquisado); e da reconfiguração do “verdadeiro” nos estudos de fenômenos e fatos sociais com o surgimento da teoria e a compreensão do conhecimento como elemento decorrente de interpretação, sendo provisório e relativo (permanece até a contestação por uma nova teoria).
- 58 Ocorre também a revisão do empirismo, da lei e do determinismo, das regras de objetividade e dos modos de verificação. Processa-se no interior das ciências indagações e questionamentos sobre as influências das ideologias que as inspiram, definem, orientam e determinam sua natureza. Assim, o pensamento científico nas ciências humanas e sociais busca explicar os fenômenos e os fatos sociais pela compreensão utilizando da qualificação da expressão do homem como elemento fundamental no entendimento das questões que se impõem na vida cotidiana e em suas relações com o ambiente e com o próprio homem.

- 59 Podemos dizer que as Ciências Humanas “nascem” com a “intenção” de compreender, explicar a rede social e prever seu funcionamento, na busca de respostas às necessidades concretas da sociedade, visando contribuir com a solução dos problemas.

Conhecimento científico na sociedade contemporânea

- 60 Conforme verificamos o conhecimento científico tornou-se relevante em toda a sociedade. Sobre a égide do capitalismo, sofre sua influencia e atualmente nos deparamos com a apropriação comercial e mercadológica do “saber”, na dimensão que o conhecimento transforma-se em “valor capital”, muitas vezes potencializando os países desenvolvidos e enfraquecendo a vida do homem e do planeta.

“[...] um novo conceito quer de conhecimento, quer da sua relação com aqueles que o criam. [...] O conhecimento deve fluir como dinheiro para onde quer que possa criar vantagens e lucros. De facto, o conhecimento não é apenas como o dinheiro: é dinheiro [...]. O conhecimento, depois de quase dois séculos, divorciou-se da interioridade e literalmente desumanizou-se. Uma vez separado o conhecimento da interioridade, do comprometimento e da dedicação pessoal, então as pessoas podem ser levadas de um lado para o outro, substituídas uma por outras e excluídas do mercado.” (Bernstein, 1990: 155)

- 61 Temos a potencialização de investimentos nas tecnologias que se tornam mais sofisticadas interferindo no sistema social, cultural e econômico, estimulando a produção e o consumo, individualizando e distanciando os homens.
- 62 O estudo teórico empreendido para este estudo nos remete ao entendimento da necessidade emergente da própria sociedade pela humanização das ciências em busca da valorização e preservação da vida. Desta forma, sob o paradigma da cidadania, na perspectiva de legitimação da equidade, da justiça, da igualdade, da autonomia, pelo cumprimento de direitos pertencentes a toda a humanidade, a revelia de posição que ocupe na hierarquia social ou mundial.
- 63 Neste cenário, emerge no mundo científico a necessidade de interlocução das diversas áreas científicas que aponte para o (re) conhecimento do homem como ser social e histórico (na perspectiva dos estudos de Lukács), por quem e para quem se desenvolvem o mundo e a ciência.
- 64 No entanto, este processo, deve assentar-se no assente no ato reflexivo e crítico das posturas assumidas no exercício profissional e na construção do conhecimento, contribuirá para a construção de uma nova ordem social.
- 65 Entendemos que o caminho do futuro aponta para a produção do conhecimento em todas as áreas da ciência, na perspectiva da centralidade do homem, que considere que a “nova” produção de conhecimentos assentada na:
- Centralidade do homem regatando valores éticos e sociais de consolidação da cidadania.
 - -Criação de novas formas de intervenção e de produção de bens.
 - -Posturas humanitárias e valorização do coletivo e da vida.

Reflexões finais

- 66 Entendemos que a ciência é uma forma conexas e articulada de conhecimentos, um paradigma sob o qual se “vê” o mundo e representa a concretização do movimento das

idéias na produção do conhecimento onde, cada área traduz para si, o modo como homem se relaciona com seu ambiente.

- 67 O deslocamento da centralidade da vida para o capital, na sociedade moderna, conduziu a humanidade para um processo legítimo de crescente insatisfação do homem, que se manifesta em diferentes aspectos da vida individual e coletiva tanto no nível das relações sociais, profissionais, como no nível das relação homem-mundo, homem-vida.
- 68 É neste cenário que se torna necessária a construção de uma ordem societária assente no conhecimento produzido especialmente nos campos das ciências humanas e sociais. Surge como fator inegável a necessidade de superação de questões resultantes da divisão social, da fragmentação das ciências e da desigualdade social, do distanciamento da ética e do valor a vida e ao homem.
- 69 Desta forma, privilegiando a universidade como lócus partícipe de formação dos indivíduos, compreendemos a necessidade de atitudes que remeta o homem ao resgate da ética individual para a construção de uma sociedade mais justa e cidadã.
- 70 Neste contexto as ciências humanas e sociais necessitam reconhecer o próprio valor buscando ampliar e alinhar o “focus” de sua intervenção, promovendo a necessária articulação entre todas as ciências com vistas na centralidade no homem e na construção de uma nova ordem cidadã.
- 71 Potencializa-se assim, o papel das ciências humanas e sociais na formação profissional das diversas áreas do conhecimento, revelando o valor e relevância destas no momento atual; a concentração de esforços no sentido de produção de conhecimentos que atendam a realidade concreta das necessidades contemporâneas do homem.
- 72 Nessa “nova” sociedade onde o coletivo carece ser resgatado na perspectiva de valorização do homem sem negar a sua subjetividade; este como parte de um sistema social que se inter-relaciona e se articula na socialização e divulgação dos conhecimentos produzidos, em busca de uma sociedade melhor.
- 73 Assim, as ciências humanas e as ciências sociais terão seu lugar garantido na universidade do futuro na medida que estiver preparada para enfrentar os desafios contemporâneos, em que preparar os jovens estudantes e os investigadores da área para consolidar a articulação com as demais áreas e as demandas atuais conforme assinala Schon (1993).
[...] ser necessário estar preparado para a complexidade, incerteza, instabilidade, singularidade e conflitos de valor que são percebidos, cada vez mais, como centrais no mundo da prática, um mundo tecnologicamente avançado, democrático e tecnicamente plural, como é aquele em que vivemos. (Costa apud Schon: 1993)
- 74 Os ganhos da universidade e das ciências humanas e sociais nesse contexto representam a formalização das necessidades emergentes da e na sociedade contemporânea e estarão expressos no novo período que se inicia da vida da humanidade, um período onde o conhecimento emerge de um contexto que o legitime e fortaleça, que seja um elemento que potencialize o funcionamento das relações sociais sedimentando o valor da vida em sua totalidade.
- 75 Certamente esta reflexão não esgota a discussão do assunto, porém esperamos estar contribuindo para o aprofundamento da discussão sobre o tema que inexoravelmente tem-se inserido nas discussões contemporâneas que acometem os meios científicos das diversas categorias profissionais, especialmente nas áreas do conhecimento ligadas às ciências humanas e sociais.

BIBLIOGRAPHIE

Antunes, Ricardo (1995), *Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez.

Chiavenato, Idalberto (2000). *Introdução à Teoria Geral da Administração*. Rio de Janeiro: Campos.

De Masi, Domenico (2000), *A Sociedade Pós-Industrial*. São Paulo: Senac.

Demo, Pedro (1998), *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (s/d)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Junior, Marco Antonio Miltidieiro. *A agricultura capitalista no Brasil territorialização: conceito explicativo na luta pela terra*. Disponível em www.klepsidra.net/klepsidra9/territorializacao.html. Acesso: 20/07/2008.

Kunsch, Maria Margarida Krohling (1997), *Relações Públicas e Modernidade: novos paradigmas na comunicação organizacional*. São Paulo: Summus.

Laville, Christian, Dione, Jean (1999), *A Construção do Saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Manfredi, Silvia Maria (1998), “Trabalho, qualificação e competência profissional - das dimensões conceituais e políticas”, *Educação e Sociedade*. 64, 13-49.

Santos, Boaventura de Sousa (2003), *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento.

Schon. Donald (2000), “O professor como veículo de transmissão de valores e saberes”, in Kuchenbecker, Valter (org.), *Educação Superior: Estudos Multiculturais*. Edições Universidade Fernando Pessoa. Porto.1, 253-257.

Stoer, Stephen e Magalhães, Antonio M.A (2002), *Escola para Todos e a Excelência Acadêmica: orgulhosamente filhos de Rousseau*. Profedições. Porto. Coleção Andarilho.

NOTES

1. Modernidade entendida como o ideário de mundo moderno e instalada na sociedade no período da Idade Média, consolidada com a Revolução Industrial e relacionada com o modo de vida que emergiu deste período com o fortalecimento do capitalismo.

2. O sentido da palavra fetiche, originária de feitiço- poder sobrenatural sobre alguém ou alguma coisa- assenta-se no conceito da palavra apropriado por Karl Marx ao analisar o “poder” da mercadoria sobre o homem, o poder que extrapola o poder real do produto, e vai para além do seu valor real, fortalecido pelo valor social que a mercadoria exerce sobre o indivíduo e o “coloca” no ambiente onde vive, assente na imagem do “parecer ter”, que caracteriza a sociedade do capital.

3. Em Lukács, o homem é entendido como “ser social” na dimensão de sua potencialidade política de intervir, modificar e transformar a natureza e a sociedade enquanto sobre estas influencias que também o transforma.

4. Pós Modernidade entendida como o movimento de ruptura que surge no fim do século XX que se caracteriza pela substituição do conceito de progresso sustentado pelo desenvolvimento da in

dústria, largamente difundido na Era Industrial, pelo conceito de crise marcado pela incredulidade e.

5. Com os processos de globalização “a nação se transforma em mera província do capitalismo mundial sem condições de realizar sua soberania [...]. Um Estado-Nação em crise, amplamente determinado pelo jogo das forças produtivas predominantes em escala mundial [...] o Estado se torna mais comprometido com o que é transnacional, mundial ou global, reduzindo seu compromisso com inquietações ou reivindicações da sociedade civil [...]”. (Otavio Ianni: 2007).

6. Conhecimento na perspectiva filosófica do conceito: Processo pelo qual se determina a relação entre sujeito e objeto, a apropriação do objeto pelo pensamento, como quer que se conceba essa apropriação: como definição, como percepção clara, apreensão completa.

7. Dar caráter próprio a; tornar pessoal. Definir o conjunto de parâmetros de para que atenda às e exigências de um usuário, de uma área ou de um público) específico.

8. A palavra territorialização é usada pelas autoras numa apropriação do conceito geográfico-geral de território: De forma direta, território é o produto histórico do trabalho humano, que resulta na construção de um domínio ou de uma delimitação [...], assumindo múltiplas formas e determinações: econômica, administrativa, bélica, cultural, etc. O território é uma área demarcada onde um indivíduo, ou alguns indivíduos ou ainda uma coletividade exercem o seu poder. (Marco Antonio Mitidieiro Junior).

9. Utilizamos a palavra mercantilização no sentido da transformação da pesquisa científica em produto potencialmente a serviço do mercado, atendendo a lógica produtivista do capitalismo, priorizando na perspectiva acadêmica a quantidade de produção e na perspectiva social a necessidade de busca de atendimento as demandas do consumo.

10. Industrialismo: Doutrina que considera a indústria o fim principal da sociedade (Dicionário Aurélio- Brasil).

11. Nota das autoras: A Revolução Industrial consistiu em um conjunto de mudanças tecnológicas com profundo impacto no processo produtivo em nível econômico e social. Iniciada na Inglaterra em meados do século XVIII expandiu-se pelo mundo a partir do século XIX. Ao longo do processo a era agrícola foi superada, a máquina foi suplantando o trabalho humano e uma nova relação entre capital e trabalho se impôs, novas relações entre as nações se estabeleceram. Essa transformação foi possível devido a uma combinação de fatores como o liberalismo econômico, a acumulação de capital e uma série de invenções, tais como o motor a vapor. O capitalismo tornou-se o sistema econômico vigente.

12. Nota do Autor: Ser social na perspectiva ontológica do termo, que reside na concepção da natureza social inerente ao homem, na perspectiva de Luckás, homem que sucumbe a hegemonia da individualização e concorrência instalada pelo sistema capitalista.

13. Utilizamos o termo “desconstrução” no sentido da “destruição” do valor social do homem que, a medida que o capitalismo avança, “perde” espaço na sociedade e na centralidade do mundo, sendo substituído por máquinas e mercadorias, transformado em mero reproduzidor do sistema.

RÉSUMÉS

Entendemos que a ciência não é uma forma desconexa e desarticulada de conhecimentos, é um paradigma sob o qual se vê o mundo; representa a concretização do movimento das idéias na produção do conhecimento onde, cada área traduz para si, o modo como homem se relaciona

com seu ambiente. No último século, o desenvolvimento científico ganhou tal visibilidade que a UNESCO reconhece a capacidade de produzir conhecimento como um dos aspectos para distinguir a riqueza e a pobreza de um povo. O conhecimento científico tornou-se relevante em toda a sociedade. No entanto, em benefício do desenvolvimento acelerado, nos deparamos com a apropriação comercial e mercadológica do conhecimento e a potencialização de investimentos nas tecnologias que se tornam mais sofisticadas interferindo no sistema social e cultural mais directamente do que as ciências. Vive-se um momento de transição mundial que aponta para a reconstrução da sociedade pautada no paradigma da cidadania legitimando a equidade, a justiça, a igualdade, a autonomia. Emerge então, no mundo do conhecimento, a necessidade de interlocução das diversas áreas, reconhecendo no homem o ser social e histórico, por quem e para quem se desenvolvem o mundo e a ciência. Este processo, assente no ato reflexivo e crítico das posturas assumidas no exercício profissional e na construção do conhecimento, contribuirá para a construção de uma nova ordem social. Nesta perspectiva, a Universidade como um todo, está desafiada a mudar a lógica da construção e socialização do conhecimento. É seu dever expandir no homem a capacidade “aprender a aprender”, de governar e controlar o Estado e o mercado. Assim, com o reconhecimento da centralidade do homem e a da vida humana, as Ciências Sociais e Humanas ganham destaque e consolidam sua importância no cenário científico. Desta forma, para a construção de uma sociedade cidadã é preciso ampliar e re - alinhar o “focus” das Ciências Humanas e Sociais, garantindo o legítimo e necessário espaço de articulação entre todas as ciências, oportunizando a formação de profissionais comprometidos com a coletividade, com uma nova ordem social que globalize, para além do bem econômico, também o acesso a serviços, que se desloque a centralidade do capital para a centralidade ética da vida humana.

INDEX

Palavras-chave : conhecimento científico, capitalismo, cidadania, construção do conhecimento

AUTEURS

LEONICE DOMINGOS DOS SANTOS CINTRA LIMA

É Bolsista CAPES do Programa de Doutorado no País com Estágio no Exterior- PDEE na Universidade Católica Portuguesa – UCP Campus de Lisboa – Portugal Departamento de Ciências Humanas, Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Serviço Social pela Faculdade de Direito, História e Serviço Social de Franca – UNESP, -Professora Efetiva das disciplinas de Iniciação Científica, Pesquisa Social I e Pesquisa Social II do Curso de Serviço Social -FUNEC- Faculdades Integradas de Santa Fé do Sul-São Paulo-Brasil, Professora Convidada do Curso de Pós Graduação *Latu Sensu* em Psicopedagogia e Assistência Social da FAISA- Faculdade de Ilha Solteira-São Paulo-Brasil. Professora Convidada do Curso de Pós Graduação *Latu Sensu* em Gestão do Ensino e Gestão Ambiental da Faculdade de Selvíria-FAS--Mato Grosso Sul-Brasil, nas disciplinas de Metodologia e Trabalhos Científicos. Como investigadora, está integrada ao Centro de Estudos de Serviço Social e Sociologia – CESSS/UCP em Lisboa, Portugal.

RITA DE CÁSSIA ALVES HORTA

É doutoranda em Serviço Social pela Universidade Católica Portuguesa, Mestre em Serviço Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. Actuou como Docente e Coordenadora do Estágio Supervisionado em Serviço Social no Instituto Superior de São Paulo, Brasil. Actualmente é Docente – responsável pelas cadeiras de políticas sociais, gestão em instituições sociais,

marketing social, fundamentos e práticas em educação social, introdução aos serviços sociais e supervisão da prática profissional - e Coordenadora de Estágio em Educação Social e Desenvolvimento Comunitário na Escola Superior de Educação de Torres Novas. Como investigadora, está integrada ao Centro de Estudos de Serviço Social e Sociologia – CESSS/UCP em Lisboa e Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Ensino, Questões Metodológicas em Serviço Social – NEMESS – PUC/SP no Brasil. Possui artigos e comunicações publicadas. Áreas de trabalho e interesse são: Formação de Educadores Sociais, Estágio e Supervisão, Pesquisa e Metodologias de Intervenção Social. Áreas de trabalho e interesse são: Formação de Educadores Sociais, Estágio e Supervisão, Pesquisa e Metodologias de Intervenção Social a partir de matrizes transdisciplinares.